

## A CARTA CATIVA

SOUZA, Eneida Maria de; SCHMIDT, Paulo (orgs.): *Mário de Andrade — Carta aos Mineiros*.  
Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997. 172 p.

Dentro da vitrine, contemplo uma pequena folha de papel quadriculado do caderno de notas de Mário de Andrade. A 19 de abril de 1924, em São José d'El Rey, hoje Tiradentes, sob a data e o lugar, os viajantes assinam. Lêem-se os nomes: a caligrafia reta e elegante de Olívia Álvares Penteadó; Tarsila, assim, simplesmente, só um nome; Blaise Cendrars, claudicando em queda livre; René Thiollier, a assinatura intensa e breve; o belo arabesco de Oswald; a letra infantil de Nonê; e, por fim, Mário de Andrade rubricando o texto todo, assinando numa diagonal de flecha, num vôo para o alto. Como num desenho de Mira Schendel, a grafia de Mário de Andrade fecha a composição e a equilibra.

Na noite fria de Ouro Preto no anexo do Museu da Inconfidência abria-se o simulacro de uma sala modernista. A exposição Mário de Andrade – Carta aos Mineiros comemorava o centenário do escritor. Com visão apurada de colecionadores, os curadores abriram arquivos diversos e os confrontaram, propiciando uma multiplicidade de leituras. Cartas, livros, fotos, desenhos, pinturas. Os interlocutores mineiros de Mário. As cartas manuscritas, relíquias de um tempo distante, se ofereciam como desenhos, mais à contemplação do que à leitura. Uma voz invisível repetia as palavras do poeta, restaurando a dicção oral da sua escritura epistolar. O duplo registro, da escrita e da voz, reiterava a impossibilidade de uma leitura inocente. Como faróis as cartas de Mário iluminavam o desenho do modernismo mineiro.

*Mário de Andrade – Carta aos Mineiros*, é uma versão “ampliada e grafada da exposição de 1993”, coordenada por Wander Melo Miranda e sob curadoria de Eneida Maria de Souza e Paulo Schmidt. Editado com o mesmo apuro visual da exposição, o livro, recria o estilo da época. Na capa, criada a partir de um desenho de Arlindo Daibert, o rosto de Mário aparece sob a sua escrita. O mesmo desenho abrirá cada capítulo, multiplicando o sorriso apenas esboçado, o olhar arguto. O livro, como depositário da memória, organiza materiais diversos e, nas suas páginas, imagens, documentos e textos propiciam leituras complexas. O uso de tipografias diversas aponta para a voz singular de Mário, o outro, o que vinha de longe e devolvia aos mineiros uma imagem mais clara e melhor deles mesmos.

Como a exposição, o livro está dividido em quatro capítulos, quatro biografemas: em “Mário de Andrade, Minas e os Mineiros” uma detalhada cronologia registra o cruzamento da experiência de vida do escritor com a sua obra, a correspondência mantida com várias gerações de intelectuais mineiros e os desenvolvimentos desse convívio na contemporaneidade. “As visitas a Minas Gerais” testemunham as quatro viagens do poeta pelas terras de Minas. As vozes das Gerais dialogam com as de Mário e a caravana modernista. O terceiro capítulo, “Correspondência tardia”, reúne textos ficcionais endereçados ao escritor, um interlocutor silente mas não emudecido pelo tempo. Em “Cartas aos Mineiros”, finalmente, o texto de Mário se apresenta só. São fragmentos de cartas, da sua correspondência já publicada, “tendo como fio condutor a associação entre uma poética da existência e a vida como uma explosão de dor e alegria”.(p.13)

Tal qual na exposição, a organização do livro em quatro partes não impede de percorrê-lo ao sabor do desejo. A epígrafe: “Desenhos são para a gente folhear, são para serem lidos que nem poesias, são haicais, são rubaes, são quadrinhas e sonetos.”( p.15), autoriza a leveza de uma aproximação singular. Como um álbum de fotos, um caderno de desenhos,

uma coleção de poemas ou um pacote de cartas amarrado por uma fita amarrotada, o livro pode ser aberto ao acaso. O olhar desejanse se deparará com os traços leves de Tarsila, as palavras cinzeladas de Drummond ou de Silviano Santiago, com os preciosos desenhos de Arlindo Daibert ou Pedro Nava, com telegramas, fotos, postais, poemas, propagandas... com as cartas de Mário. Nelas os roteiros de Mário e de Minas se enlaçam e se dispersam:

Eu gosto muito de certas qualidades de vocês, a timidez, a falta de brilho exterior, o pudor, a ironia, a esperteza. Este caso de esperteza, por exemplo é muito sutil. (...) Falta ingenuidade a vocês. Não é ter consciência que prejudica a vocês, mas ter excesso de consciência. Tal vez seja bom desconfiar do acaso do futuro, mas vocês são de todos os brasileiros, os únicos que eliminaram o anjo da guarda. (p.134)

Sabe o que eu disse quando o trem partiu d' ai, me sentei na cabina e pude enfim pensar comigo? Eu disse, quase falei alto, numa decisão completamente decidida: Não volto mais a Belo Horizonte. (p.150)

Como um espelho improvável, as palavras de Mário devolvem uma imagem persistente, não importa se não endereçadas a nós. Para quem lê hoje, da Rua Lopes Chaves continuam a ser remetidas lúcidas visões das Gerais.

Ando meio chateado com essa Minas do “espírito mineiro” louvaminheiro e pueril das “altas qualidades” mineiras que andam fazendo por ai. Minas é mortal, e é bom amar Minas mortal, com as qualidades e defeitos que tem. (p.151)

De acordo com Gonzalo Aguilar, o viajante cultural é uma metáfora modernista.<sup>1</sup> Seus deslocamentos condensam o modo em que os vanguardistas entendem a percepção e a experiência. O viajante cultural encarna uma dimensão imaginária que pode processar tanto a idéia do novo como a do nacional ou o cosmopolita. Mas antes de que encarne, os receptores se apoiam nessa dimensão imaginária para traçar um espaço prévio no qual se materializará um corpo, que, por

enquanto, só tem uma densidade fantasmagórica. No viajante cultural, os grupos de vanguarda percebem a possibilidade de unir um programa e um desejo num corpo exterior como deslocamento.

Viajante cultural por antonomásia da modernidade brasileira, o escritor paulista se constituiu como o mestre ideal de várias gerações de intelectuais mineiros. Mas, ao contrário de outros viajantes vanguardistas que percorreram as periferias – uma espécie de Internacional Artística que vai de Apollinaire e Cendrars a Marinetti e os surrealistas – para levar as novas tão ansiadas das vanguardas, Mário de Andrade vinha a Minas para se nutrir da tradição barroca, erigida pelos modernistas paulistas a estilo nacional. Assim, a “Viagem da Descoberta do Brasil”, de 1924, levaria Mário de Andrade e a trupe paulista a descobrir, além da riqueza artística e cultural das cidades barrocas, a inquieta mocidade de uma Belo Horizonte cintilante de brilhos vidrilhos. Na dimensão imaginária do Grupo do Estrela e da geração posterior, Mário de Andrade se materializará como o amigo ou o escritor que não só dará notícia dos novos paradigmas estéticos, mas que se constituiria como um leitor privilegiado e respeitado.

*Mário de Andrade – Carta aos Mineiros é o* arquivo possível que nos permite acompanhar as viagens de Mário por uma Minas que não mais existe. Incompleto, fragmentário e melancólico, como todo arquivo, o livro permite, a partir dos poemas manuscritos, dos telegramas amassados, dos esboços rápidos, das fotos amadoras, das cartas conservadas, vislumbrar o inarquivável, o irreproduzível: as esperanças dos anos juvenis na tentativa de inaugurar uma tradição modernista brasileira.

María Angélica Melendi  
UFMG

<sup>1</sup> AGUILAR, Gonzalo. El cuerpo y su sombra, Los viajeros culturales en la década del 20. Funto de vista, N 59, Dic. 1997. p.31